

EM DIREÇÃO A UMA DINÂMICA VIDA DE ORAÇÃO

O desafio deste período de estudos tem como tema uma das maiores doutrinas da vida cristã: **A doutrina bíblica da oração.**

São estudos que nos darão a oportunidade de meditar no valor e significado da oração para a nossa vida, estudando-a em seu contexto bíblico, origem e doutrina e apontando para sua eficácia na vida cristã de hoje.

Teremos oportunidade para discutir os aspectos positivos do ministério da oração na vida da igreja de hoje e suas possíveis distorções nos tempos em que vivemos. Apropriaremos dos textos bíblicos que ressaltam o valor e o significado da oração.

Os planos de aula oportunizarão o compartilhar de vivências concretas na vida de oração dos alunos. O suplemento terá como tema **“Meu espaço de oração”**. Esse espaço tem dois objetivos: o primeiro é para que seus alunos orem pelos pedidos sugeridos. O segundo é que todos aumentem a cada dia o seu tempo de oração.

Esses recursos ajudarão no crescimento da vida de oração, mas se não nos colocarmos de joelhos no nosso “quarto secreto” seremos apenas conhecedores intelectuais do ministério de oração.

Que Deus abençoe cada professor na caminhada com seus alunos em direção a um diálogo crescente com o Pai numa dinâmica vida de oração.

Compromisso professor é dirigida a professores de adultos na Escola Bíblica Dominical. Contém sugestões didáticas das lições da EBD e, eventualmente, outras seções de interesse daqueles que trabalham com os adultos na igreja

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Eva Souza da Silva Evangelista

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar
Tijuca – Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
convicao@convicaoeditora.com.br

Reflexão pedagógica – Amarre seu barco a uma estrela –
O planejamento na classe da EBD _____ 3

Tema da EBD _____ 6

Estudos da Escola Bíblica Dominical

EBD 1 – O que é oração _____ 9

EBD 2 – Oração e a queda _____ 12

EBD 3 – A oração de Abraão – Oração de intercessão ____ 15

EBD 4 – A oração de Moisés – Orar é se comprometer _ 18

EBD 5 – Oração e restauração _____ 21

EBD 6 – Oração de Davi – Orar é se transformar _____ 24

EBD 7 – Pai Nosso – A oração que Jesus ensinou – I _____ 27

EBD 8 – Pai Nosso – A oração que Jesus ensinou – II ____ 30

EBD 9 – O lugar da oração _____ 33

EBD 10 – Paulo – Oração missional _____ 36

EBD 11 – Oração e generosidade _____ 39

EBD 12 – Oração e os não de Deus _____ 42

EBD 13 – Oração e o caráter de Deus _____ 45

Atividades do suplemento _____ 48

A autora das sugestões didáticas desta edição é a profa. Eva Souza da Silva Evangelista, ministra de Educação Religiosa da Primeira Igreja Batista de Nova Iguaçu, RJ.

AMARRE SEU BARCO A UMA ESTRELA



O PLANEJAMENTO NA CLASSE DA EBD

Uma das mais claras e estimuladoras definições que conheci sobre planejamento se resume neste esquema feito pelo prof. Danilo Gandin: *“Amarre seu barco a uma estrela”*.

Neste aspecto, planejar é antecipar, mentalmente, uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto. Planejar é sonhar. É se permitir ter uma visão antecipada do amanhã, do ideal

que se quer alcançar (estrela), sabendo o que se tem hoje (seu barco) e a distância que se necessita percorrer para alcançar seu objetivo (a corda).

Diante disso, pensemos no professor e nos sonhos que tem para sua classe de EBD. Por quais águas sua classe tem navegado? Águas turbulentas? Águas paradas? Indo em qualquer direção que o vento possa levar? Isso não é bom. É preciso direcionar, planejar, seguir o caminho proposto para que haja crescimento saudável.

Esse direcionamento é o que decidirá que tipo de classe se quer ter, que verificará a qualidade do seu trabalho como professor, que nível de formação terá seu aluno e irá propor ações, atitudes e normas para diminuir a distância entre o barco e a estrela, entre o que se tem hoje em sua classe e o que se quer ter.

Lembre-se, no entanto, que planejamento não é estado contemplativo, mas ação. É ação coletiva para levar a um determinado fim. São as pessoas envolvidas em sua classe de EBD agindo em conjunto, executando em conformidade com o que foi proposto.

Na fase de execução, cada um dos momentos, cada uma das ações, cada resultado é revisado com o propósito de avaliar todo o processo. Daí as fases do planejamento são alcançadas – *elaboração, execução e avaliação* – o que ocasiona uma interferência na realidade da classe da EBD, transformando-a de acordo com a direção indicada.

Na elaboração das estratégias ou atividades, é necessário que o professor analise, com seus alunos, a situação na qual sua classe está inserida, além de decidir para que ela existe e a serviço de quem ela se coloca. Essas questões podem parecer

Planejar é sonhar.
É se permitir
ter uma visão
antecipada do
amanhã, do
ideal que se
quer alcançar
(estrela), sabendo
o que se tem
hoje (seu barco)
e a distância
que se necessita
percorrer para
alcançar seu
objetivo (a corda)

óbvias à primeira vista, porém, suas respostas devem ser bem claras, pois elas serão o ideal que norteará sempre as ações realizadas na classe – a sua estrela. São essas questões que verificarão a distância entre a realidade existente e a desejada. Lembra-se da corda? É o que vai dar suporte às propostas de ações e normas que diminuirão essa distância.

Na fase de **execução**, haverá o resultado prático do confronto entre o ideal e o real, isto é, a proposta de aproximação da realidade existente com a realidade desejada. É a definição do que você,

professor, irá fazer e vivenciar visando satisfazer ou minimizar as necessidades de sua classe. A partir do momento que o professor conhece as reais necessidades de uma determinada prática de sua classe, existe a possibilidade de intervenção, de executar estratégias ou atividades que possam transformar essa realidade.

Cabe nesse momento a reflexão sobre as atividades realizadas em nossas classes. É preciso levar mais em conta a necessidade de determinadas atividades e o real significado delas para a classe da EBD e para todos os que por ela são alcançados. Significa dizer que se planejarmos coisas possíveis, mas sem significado relevante, elas acontecem, porém, não alteram a realidade – o barco.

Por outro lado, se o professor planeja coisas com significado, mas impossíveis de realizar, elas não acontecerão e trarão frustração e descrença ao planejamento. A dica é que faça parte do planejamento, estratégias ou atividades relevantes e possíveis de acontecer. Realizar somente aquilo que fará real diferença e que sirva para transformar a realidade. Assim, deixaremos de simplesmente reproduzir ou imitar “modismos”.

Na **avaliação** acontecem os ajustes. Ajustes das velas do seu barco, da velocidade, do rumo proposto, tudo em concordância com o ideal que se deseja atingir. Pode surgir a ideia de que a avaliação será realizada somente no final do processo. Puro engano. A avaliação deve ser realizada ao longo de todo processo, afinal, fica difícil ajustar as velas do barco somente após o vendaval. Se for feito assim, com certeza, o barco afundará.

Por isso, é necessário revisar cada um dos momentos, cada resultado, cada forma derivada das atividades realizadas a fim de se propor continuidade ou interrupção para que se caminhe na direção

planejada. A avaliação possibilita mudanças, correções e atitude flexível diante da realidade encontrada ao longo do percurso.

Planejar, então, prezado professor, é ter visão da direção e não permitir que as distrações lhe tirem do rumo proposto. Vale a pena refletir como tem sido o planejamento, não só de suas aulas, mas também de todas as estratégias que podem tornar sua classe um espaço de crescimento. Para crescer é preciso mirar alto, lançar-se com comprometimento e ousadia em mar alto e, por falar nisso, você já amarrou seu barco a uma estrela?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GANDIN, Danilo. **Planejamento participativo na escola**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: Projeto de ensino-aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: [s.e.].

Cláudia Romão Rocha

Formada em Educação Religiosa e Pedagogia com especialização em Psicopedagogia.

É membro da Igreja Batista Esperança em Marapicu, Nova Iguaçu, RJ.

Assessora pedagógica da região Rio, Grande Rio e Baixada Fluminense do Programa Educacional de Desenvolvimento Escolar – PEDE.

Coordenadora do projeto Lançando Sementes; curso de capacitação para liderança de ministério infantil;

voluntária junto ao Departamento de Educação Religiosa da CBF nas áreas de capacitação de liderança e elaboração de recursos didáticos.

Casada com José Ricardo Rocha.

DESAFIOS DA ORAÇÃO NO SÉCULO 21



Quando eu era pequeno, o meu pai dizia que toda vez que eu fizesse uma oração a Deus, deveria fazê-la em nome de Jesus reconhecendo que não existia méritos em mim; que não merecia nenhuma mediação do Senhor Jesus e nem do Espírito Santo, e que os meus pedidos, por mais impossíveis que fossem, deveriam ser dirigidos à santíssima Trindade. Eu não entendia nada, mas, hoje, depois de adulto, entendo que as nossas orações precisam expressar naturalmente os sentimentos religiosos de um cristão com Deus, em nome de Jesus, pela mediação do Santo Espírito.

Na realidade, o universo cristão é assim: devemos orar em nome de Jesus porque o pecador não pode aproximar-se de Deus Pai em seu próprio nome e sem a mediação do Espírito Santo. Toda oração precisa ser dirigida ao Deus Trino na sua plenitude. Toda oração tem o poder de superar qualquer obstáculo ou dificuldade. O apóstolo Paulo enfrentou a solidão,

o estresse, a depressão e a batalha espiritual, mas teve que vencê-los pelo poder da oração (1Co 15.58; 1Ts 5.25).

Nós precisamos exercitar a prática da oração hoje, no século 21, pois vivemos numa época de desilusão tremenda: desconfiança dos políticos, conflitos étnicos, crise ambiental, corrupção pública acentuada, crescimento dos desigrejados, abandono ministerial dos pastores e diáconos, enfraquecimento do ensino bíblico nas igrejas e a diminuição dos vocacionados para os ministérios da igreja local.

Torrey aponta sete impedimentos a nossa oração diante do nosso Deus: primeiro, o nosso propósito egoísta; segundo, o nosso pecado; terceiro, os ídolos do coração humano; quarto, a falta de liberalidade nas coisas; quinto, a ausência de perdão entre as pessoas; sexto, um relacionamento errado com as pessoas e sétimo, a incredulidade das pessoas. Precisamos entender que pequenas coisas podem impedir que as nossas orações cheguem a Deus.

Precisamos persistir na prática da oração, primeiro, porque o diabo não brinca de ser o nosso adversário; segundo, porque não devemos negligenciar a prática da oração; terceiro, porque a nossa vida de oração deve ser extremamente vital para a nossa sobrevivência espiritual; quarto, porque ela ocupou um lugar relevante na vida e no ministério de Jesus Cristo.

Precisamos entender que a oração é o caminho para a intimidade com Jesus: todos os que desejam ser usados por Deus em seus ministérios precisam manter o seu relacionamento íntimo e fiel com o Criador. Sem oração, a igreja pós-moderna não terá poder sobre o mal e o pecado, e não

experimentará a riqueza dos grandes avivamentos do Espírito Santo.

A oração é um estilo de vida, uma disposição do espírito humano para se quebrantar diante do Senhor. O cristão que não aprendeu a orar é como um pássaro que não consegue voar. Precisamos preservar a prática da oração reconhecendo o poder e autoridade de Jesus Cristo.

Jesus ensinou que devemos orar sempre para não cairmos em tentação (Mt 26.41). Ele mesmo subiu ao monte para orar (Lc 6.12), ensinou que devíamos vigiar e orar com constância (Lc 22.40). Paulo pediu aos irmãos da Igreja em Tessalônica que orassem por ele (1Ts 3.25). A Bíblia ensina que não devemos cessar de orar pela igreja de Cristo (1Ts 5.25), que devemos orar em Espírito (Jd 1.20) e em qualquer lugar e circunstância (1Tm 2.8).

A oração verdadeira é um grito da alma. Existem circunstâncias em nossa vida que podemos invocar o nome de Deus, nos queixar diante dele (Sl 142.1) e agradecer os seus cuidados. A oração é a expressão máxima da nossa espiritualidade cristã. Na nossa oração, precisa haver uma expressão de comunhão com o Deus verdadeiro (Sl 105.1) e motivação para o serviço (Sl 113.1). Precisamos ter um senso da presença de Deus no interior da nossa alma em momentos desafiadores (Dn 6.16-22).

A PRÁTICA DA ORAÇÃO

Na prática da oração, precisamos ter um compromisso sério de interceder pela nossa família, pelos nossos amigos, pelos nossos governantes, pelas autoridades constituídas. Jó era um homem de oração, íntegro e correto em todas as coisas e em todas as circunstâncias (Jó 1.1,5).

Daniel orava três vezes ao dia, mesmo sendo uma pessoa muito ocupada com as questões do reino da Babilônia. Ninguém pode deixar de lado a prática da oração, em nome de Jesus. O próprio apóstolo Paulo ordenou: *“nunca parem de orar”* (1Ts 5.17). Ele também insistiu: *“Orem por nós”* (1Ts 5. 25). O próprio Jesus insiste na prática da oração dizendo: *“Buscai primeiro o reino de Deus e todas as demais coisas vos serão acrescentadas”* (Mt 6.33). A fonte do poder de Jesus era a sua vida devocional (oração) e a sua disposição de cumprir a vontade do Pai.

Nos quatro Evangelhos existe um fator importante: a vida de oração de Jesus. Ela é o motor da sua obra evangelística e da realização dos seus milagres. O apóstolo Paulo realizava milagres em nome de Jesus, mas a sua vida devocional era decisiva, era uma questão particular. Jesus e os seus discípulos fiéis tinham o poder da autorresponsabilidade espiritual: oravam buscando em Deus o poder e a autoridade para o exercício espiritual de impacto.

Sem oração seria inviável pregar, ensinar, disciplinar, acompanhar as pessoas no seu crescimento espiritual. A oração e a meditação dos textos bíblicos são os suportes de uma espiritualidade robusta, em Cristo Jesus. Uma espiritualidade não se constrói com sonhos; faz-se necessário com uma vontade incontida de conhecer e agradar a Deus de todo o nosso coração (disciplina submissa a Cristo mediante intervenção do Espírito Santo). A espiritualidade começa com a vontade incontida de conhecer, agradar e servir ao Deus de todo poder.

Serviço ao Deus do céu, temor do Senhor e disposição de realizar coisas tremendas e impossíveis, em nome Jesus (este nome em hebraico significa “O

Senhor de todo poder salva”). Em última instância, a espiritualidade cristã visa aprofundar a nossa experiência com Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATIENCIA, Jorge. **Homens de Deus**. Curitiba: Encontro, 1999. 93p.

BÍBLIA SAGRADA. Versão Revisada. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1991. 7. ed.

FORSTER, Richard J. **Oração**: refúgio da alma. Campinas: Cristã Unida, 1996. 304p.

MAXWELL, John. **Parceiros de oração**. Belo Horizonte: Betania, 1999. 166p.

NEVES, Paulo Vicente F das . **Espiritualidade, liderança e gestão**. Curitiba: AD Santos, 2017. 192p.

PAIS, Leo Francisco. **Oração**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992. 138p.

STEVENS, R. Paul; GREEN, Michael. **Espiritualidade bíblica**. Brasília: Palavra, 2008. 280p.

TORREY, R. A. **Como orar**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996. 85p.

Paulo Vicente Ferreira das Neves,

Pastor da PIB em Hortolândia, SP;
professor na Faculdade Teológica Batista de Campinas (FTBC);
mestre em Teologia Pastoral;
mestrado em Teologia Sistemática pela FATEFI;
mestre em História da Religião pela FITEF;
mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR (Faculdade Teológica Batista do Paraná);
doutor em Teologia Histórica;
pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Anhanguera.

O QUE É ORAÇÃO

OBJETIVOS

- **Saber:** Entender que oração é o esforço intencional, concentrado e regular visando criar um espaço para Deus.
- **Fazer:** Orar para abrir espaço para Deus em sua vida.

TEXTO BÍBLICO
Mateus 6; Marcos 1;
Salmo 139

TEXTO ÁUREO
Marcos 1.35

MATERIAL DIDÁTICO E MÉTODO DE ENSINO

- Bíblia, revista do aluno, do professor, suplemento, quadro de giz, papel com os nomes dos alunos para o amigo oculto de oração e caixa com as frases sobre o que a oração não é.
- **Técnica sugerida para este estudo:** Dinâmica de motivação “Amigo oculto de oração”, perguntas, leitura e discussão de textos.

DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

1 Apresentar os objetivos do estudo.

2 Fazer a leitura em uníssono do texto áureo que se encontra em Marcos 1.35: *“De madrugada, ainda bem escuro, Jesus levantou-se, saiu e foi a um lugar deserto; e ali começou a orar”.*

3 Explicar que neste período estudaremos sobre a doutrina bíblica da oração. Meditaremos no valor e significado da oração na vida do crente, estudando-a em seu contexto bíblico, origens e doutrina e apontando para sua eficácia na vida cristã de hoje.

4 Dinâmica de motivação para a introdução do tema: Amigo oculto de oração.

Promover na classe um amigo oculto de oração. Sortear os nomes. Durante a semana cada aluno estabelecerá um período de oração por seu amigo oculto. Na próxima aula os nomes poderão ser revelados.

5 Fazer as perguntas abaixo aos alunos. Pode ser na ordem de matrícula. Sugerimos ao professor permanecer em posição próxima ao aluno que estiver respondendo.

Aluno 1 – Com uma pequena frase conceituar o termo oração.

Aluno 2 – Citar alguns nomes de personagens bíblicos que tiveram experiências com a oração.

Aluno 3 – Descrever alguns momentos em que Jesus se utilizou da oração em seu ministério.

Aluno 4 – Muita gente pensa que tempo gasto com oração é tempo perdido. A seu ver, quais perigos enfrentamos quando procuramos transformar o tempo de oração em algo mais produtivo, do que apenas estar na presença de Deus.

6 Colocar em uma caixa algumas frases sobre o que a oração não é. Pedir a três alunos para retirarem da caixa uma frase e exemplificar.

a. Orar não é um meio para se fazer negócios com Deus.

b. Oração também não é uma relação utilitária com Deus.

c. Oração não é um ritual religioso.

7 Perguntar: Então, afinal de contas, o que é oração?

8 Escrever no quadro de giz ou em um cartaz uma das respostas possíveis dada por Henri Nouwen: “Oração é o esforço intencional, concentrado e regular visando criar um espaço para Deus”¹.

9 Pedir aos alunos para contextualizarem os termos sublinhados fazendo uma aplicação imediata em seu trabalho ou cotidiano (utilidade prática).

10 Pedir a um aluno para ler Salmo 139.23,24: *“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno”*.

11 Discutir com os alunos os ensinamentos que adquirimos com a convivência com o Pai:

a. Percepção das coisas boas que acontecem em nossa vida.

b. Raciocínio com a lógica da Palavra de Deus.

c. Comprometimento com as mudanças que Deus já começou a realizar em nós.

¹ Christensen, Michael J e Laird, Rebeca J. **Formação Espiritual** – seguindo os movimentos do Espírito. Petrópolis: Vozes, 2012.

**Precisamos
orar para
abrir espaço
para Deus em
nossa vida**

d. Restauração do nosso caráter e valores.

e. Cura para as nossas mágoas, ressentimentos, temores, vícios e até mesmo curas físicas.

12 Em nosso texto áureo lemos que *“De madrugada, ainda bem escuro, Jesus levantou-se, saiu e foi a um lugar deserto; e ali começou a orar”*. Era um dia cheio de demandas, cheio de expectativas, cheio de necessidades, mas antes de tudo e de todos, Jesus estava sozinho, abrindo mais espaço em sua vida para a vontade de Deus. Nós precisamos aprender a fazer o mesmo. Precisamos orar para abrir espaço para Deus em nossa vida.

PARA TERMINAR

O nosso Senhor Jesus nos ensina que Deus quer acrescentar recompensas em nossa vida. Mas para isso precisamos orar, abrindo espaço para

Deus. Assim, Deus poderá acrescentar em nós, tudo o que precisamos. Jesus disse: *“Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê o que é secreto, te recompensará”* (Mt 6.6).

MOMENTO DE APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE DO SUPLEMENTO

Meu espaço de oração

O objetivo desta atividade é criar espaço para Deus em nossa vida, porque tudo com o que nos relacionamos ocupa espaço em nós. Tudo o que nos preocupa ocupa espaço em nossa vida. Tudo com o que nos empolgamos, ocupa espaço. Tudo o que chama a nossa atenção, ocupa espaço. Tudo o que nos faz sofrer, ocupa espaço em nossos corações.

Na última página da revista e também no site da Convenção Batista Brasileira (www.batistas.com), no link da Editora Convicção há 13 círculos concêntricos referentes aos 13 estudos. Sugerimos alguns motivos de oração. Outros poderão ser acrescentados. Observar que o tamanho de cada círculo vai aumentando a cada estudo. Sendo assim seu tempo de oração vai aumentando também.

MOMENTO DE APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE DO SUPLEMENTO PARA A SEMANA

Meu espaço de oração

Criar e aumentar o espaço de oração concentrado e regular no dia a dia. Aprender a passar tempo com Deus.

A ORAÇÃO E A QUEDA

TEXTO BÍBLICO

Gênesis 1; 3; 4;
Jeremias 29

TEXTO ÁUREO

Gênesis 3.8-10

OBJETIVOS

- **Saber:** Compreender que a queda afetou todas as dimensões da nossa existência, sobretudo, a nossa capacidade de falar com Deus e ouvir a sua voz.
- **Saber:** Compreender que é possível um ser humano escolher a maneira como construirá a sua vida.
- **Fazer:** Não transferir para outros responsabilidades que são suas.

MATERIAL DIDÁTICO E MÉTODO DE ENSINO

- Bíblia, revista do aluno, do professor, suplemento, texto com o resumo do caso da queda do homem. Todos os grupos devem receber o resumo com as questões a serem abordadas.
- **Técnica sugerida para este estudo:** Dinâmica de motivação e estudo de caso em grupo.

DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

1 Apresentar os objetivos do estudo.

2 Fazer a leitura em uníssono do texto áureo que se encontra em Gênesis 3.8-10:

“Ao ouvirem a voz do SENHOR Deus, que andava pelo jardim no final da tarde, o homem e sua mulher esconderam-se da presença do SENHOR Deus, entre as

árvores do jardim. Mas o SENHOR Deus chamou o homem, perguntando: Onde estás? O homem respondeu: Ouvi a tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu; por isso me escondi.

3 Momento de revelação do amigo oculto de oração.

Pedir a todos que apresentem seu amigo oculto de oração.

Perguntar: Qual foi a sensação de saber que alguém estava orando por você?

Orar agradecendo a Deus as experiências que foram vivenciadas pelos alunos.

4 Dinâmica de motivação para a introdução do tema: Desenhar no quadro de giz duas placas em direção oposta. Explicar que Deus colocou diante de Adão e Eva a decisão de obedecer ou desobedecer à sua voz. A escolha que eles fizeram (desobedecer à voz de Deus) afetou todas as dimensões da nossa existência, sobretudo a nossa capacidade de falar com Deus e ouvir a sua voz (Gn 3.6-13).

5 Explicar aos alunos que abordaremos o tema "Oração e a queda" por meio da técnica de estudo de casos. Lembrar que o nosso objetivo não é dar solução para o caso, mas, sim, analisar a questão.

6 Entregar o caso para os grupos. Comentar que desde a queda a experiência da oração tem sido um tremendo desafio para todos nós. Cada grupo irá analisar esses desafios e suas implicações na questão da oração. O professor deverá determinar um tempo para que os alunos estudem o caso e os desafios com suas implicações. Ao final, os grupos

apresentarão seus pontos de vista. Se necessário, complementar.

Caso da queda do homem versus oração

No início, os seres humanos já se comunicavam com Deus, no Jardim do Éden. O primeiro casal tinha plena consciência do que era certo e errado. O eixo decisório de suas escolhas morais e éticas estava centrado em Deus. Não comer do fruto era um ato de obediência a Deus. Satanás, na tentação, ofereceu uma proposta diferente: trocar o eixo decisório de Deus para eles mesmos (Gn 3.5).

A ideia da proclamação da autonomia em relação a Deus pareceu ser muito sedutora e convincente. Afinal, eles mesmos deveriam assumir os seus próprios destinos nas mãos.

Aconteceu a "queda". A ruptura com Deus ocorreu por terem aceitado a proposta satânica de transferir o eixo decisório das suas vidas de Deus para eles próprios.

Resultado da queda: Desde então, os seres humanos passaram a viver em busca de uma suposta autonomia em relação a tudo e a todos, inclusive, em relação a Deus. E, ao nos perder de Deus, nos perdemos de nós mesmos e, também, uns dos outros. A queda afetou todas as dimensões da nossa existência, sobretudo, a nossa capacidade de falar com Deus e ouvir a sua voz (Gn 3.6-13).

Desde então até os nossos dias, a experiência da oração tem sido um tremendo desafio para todos nós.

Grupo I – Motivo do primeiro desafio da oração após a queda: passamos a tentar nos esconder de Deus

Pergunta crucial: “Onde estás?” (Gn 3.8-10). Foi o que Deus perguntou a Adão quando o viu em pecado. É o que Deus está perguntando a mim e a você, quando nos enxerga caindo, derrotados pelo pecado: “Onde estás?”

Reflexão: Quando somos chamados por Deus a prestar contas, qual a nossa atitude? Silenciamos ou assumimos nossa responsabilidade?

Resposta carregada de medo: *O homem respondeu: Ouvi a tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu; por isso me escondi*” (Gn 3.10).

Alerta: Oração e medo não combinam. Ou nós oramos ou nos escondemos. Não dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Discutir: Se queremos falar com Deus, vamos precisar parar de nos esconder e admitir exatamente quem somos.

Grupo II – Motivo do segundo desafio da oração após a queda: passamos a ter dificuldades de aceitar nossa parcela de responsabilidade pelos nossos erros e pecados

Transferência de responsabilidade – Adão admite que pecou, mas transfere a responsabilidade pelos seus atos para a mulher: “A mulher que me deste deus-me da árvore, e eu comi” (Gn 3.12).

Perguntas para reflexão:

- Adão não foi enganado. Você concorda ou discorda? Por quê?
- Deus deu oportunidades para que Adão assumisse a responsabilidade diante do erro. Discutir as implicações sobre a questão da transferência de responsabilidades de erros cometidos.

Grupo III – Motivo do terceiro desafio da oração após a queda: Passamos a nos ver como vítimas das nossas circunstâncias

Transferência de responsabilidade – Confrontada por Deus, a mulher respondeu: “A serpente me enganou, e eu comi” (Gn 3.13).

Alerta: Não transfira responsabilidade que é sua.

Discutir: Embora muitas coisas em nossa vida nos sejam impostas como, por exemplo, nossos pais e a maneira como eles nos educaram, o país em que nascemos, a nossa língua materna, guerras, acidentes naturais, enfim, coisas sobre as quais não temos o menor controle, a verdade é que, apesar disto, ainda nos resta a capacidade de reagir a todas elas.

Reflexão – Jesus conclamou os seus discípulos a fazerem escolhas diante de Deus¹. Apesar de tudo, as escolhas ainda estão em nossas mãos.

PARA TERMINAR

Se no Jardim do Éden, com os nossos pais, nós trocamos a oração por uma aventura trágica, em busca de autonomia; no Jardim do Getsêmani, com Jesus, nós recuperamos a capacidade de orar, nos submetendo à vontade de Deus, dizendo: “*não seja feita a minha vontade, mas a tua*”²

MOMENTO DE APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE DO SUPLEMENTO PARA A SEMANA

Meu espaço de oração

Entregar aos cuidados de Deus a minha vida, os meus dias, as minhas circunstâncias e as pessoas com as quais eu me relaciono.

¹ Mateus 6.24.

² Lucas 22.42.